

INTEGRANDO SABERES

Tropeirismo: comunicação, comércio, costumes,
transportes e povoamento do Paraná



4.º ano

2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA
Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES
Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS
INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS
Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS
Guilherme Furiatti Dantas

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS
Margarete Rodrigues de Lima

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
Estela Endlich

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO
Gislaine Coimbra Budel

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIAS E REDE DE PROTEÇÃO
Sandra Mara Piotto

COORDENADORIA DE PROJETOS
Andréa Barletta Brahim

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
TROPEIRISMO: COMUNICAÇÃO, COMÉRCIO, COSTUMES, TRANSPORTES E POVOAMENTO DO PARANÁ	11
Aula Histórica.....	11
1- Investigação das carências/interesse dos estudantes presentes em sua consciência histórica	13
2- Seleção e trabalho com conceitos substantivos e de segunda ordem.....	18
2- Exploração metodológica de fontes primárias e secundárias.....	52
4- Comunicação e expressão da consciência histórica de jovens e crianças por meio de narrativa.....	64
5- Metacognição/avaliação para verificar o conhecimento aprendido e seu significado para estudantes e jovens	67
REFERÊNCIAS	75



APRESENTAÇÃO


O Integrando Saberes História busca contribuir com a prática docente por meio de uma diversidade de sugestões de encaminhamentos metodológicos, fontes históricas e discussões teóricas fundamentadas no Currículo de Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC, v. 3, Ciências Humanas¹. A seleção dos conceitos substantivos e de segunda ordem se deu considerando as demandas apresentadas pelos docentes em diferentes ações acompanhadas pela Secretaria Municipal da Educação (SME) de Curitiba.

Conceitos substantivos e de segunda ordem são entendidos a partir dos estudos do autor Peter Lee. Para ele, os conceitos substantivos são os conteúdos próprios do componente curricular, já os conceitos de segunda ordem são próprios da natureza da história, tais como explicação (causa e efeito), interpretação (diferentes versões), fontes históricas, evidência, temporalidade e compreensão histórica (LEE, 2001). Na edição de 2024, procuramos trazer sugestões que destacam o desenvolvimento dos seguintes conceitos de segunda ordem: temporalidade, compreensão histórica e fontes históricas.

O conceito de **temporalidade** refere-se à medida de tempo - dias, meses, anos, séculos e noções temporais - sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências (SCHMIDT; CAINELLI, 2009). Ressalta-se que esse conceito não deve ser associado à lista de datas. No âmbito da história-ciência, estudos recentes indicam que o desenvolvimento da noção de temporalidade independe da maturidade, mas sim de estratégias e do currículo, devendo, portanto, ser construído no âmbito da escolarização com estratégias que envolvam familiaridade com os materiais, as experiências relevantes e as interações entre as crianças (COOPER, 2012).

Sugere-se como estratégias para desenvolver o conceito de temporalidade, a construção, juntamente com os estudantes, de um quadro cronológico no qual podem ser destacadas as experiências significativas para eles (o primeiro dia de aula do 4.º ano ou os anos em que os colegas da turma nasceram), articulando com acontecimentos da história local, nacional e mundial. Esse trabalho deve ser construído gradativamente ao longo do ano, conforme se

¹ Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2021/8/pdf/00306974.pdf>
Acesso em: 07 mar. 2024.



desenvolvem as pesquisas. Desse modo, o quadro será rico em recursos, ainda mais se forem utilizadas imagens, textos e objetos amplamente manipulados, por exemplo as cartas de jogos realizados anteriormente com os estudantes. É importante que esse material seja revisitado frequentemente de forma sistemática pela turma. Exemplo: A chegada dos primeiros migrantes europeus no século XVIII no Brasil, foi antes, depois ou ao mesmo tempo que a chegada dos portugueses? Foi antes, depois ou ao mesmo tempo que o início das aulas do 4.º ano? E as primeiras formações humanas na história, acontecem no presente, aconteceram no passado ou acontecerão no futuro? O que acontecia em Curitiba ao mesmo tempo nessa época, (noção de simultaneidade)? É interessante que o quadro esteja acessível aos estudantes, pode ser de forma coletiva (cartaz exposto na turma) ou em um material individual, ou ainda em ambos, para que possam sempre consultar. Com isso, “pretende-se ajudar as crianças a darem sentido ao que elas aprendem e a se lembrarem disso” (COOPER, 2012, p. 51).

Outra estratégia para desenvolver o conceito de temporalidade, é o trabalho constante com o uso do vocabulário adequado, tais como: ao mesmo tempo, enquanto isso, durante, antes, depois (SCHMIDT E CAINELLI, 2009). Esse trabalho é o que chamamos de compreensão da causalidade histórica e é importante para a relação entre uma época e outra, um fato histórico e outro. Além disso, ajuda o estudante a diferenciar o passado do presente, por exemplo.

Compreensão histórica é o processo de entendimento das causas e efeitos da mudança no tempo. Uma sugestão para a abordagem desse conceito é fazer pausas planejadas durante a leitura “para se discutir os motivos, as causas e os efeitos de decisões e para discutir assuntos morais” (COOPER, 2012, p. 52). Outra forma é o estudante organizar um quadro com colunas, numa destacando as causas e na outra as consequências. Afinal, “crianças precisam aprender a criticar a história e não a copiar” (COOPER, 2012, p. 52).

O terceiro conceito de segunda ordem (ou epistemológico) priorizado neste caderno, são as **fontes históricas**, definidas como “quaisquer traços do passado que permanecem” (COOPER, p. 21, 2012). A característica principal de uma fonte histórica é que ela não apresenta a resposta de forma objetiva e geralmente tenta-se pressupor o que ela pode estar falando, podendo haver diferentes conclusões. A interação com as fontes históricas se dá por meio de

perguntas que buscam informações sobre o modo de viver das pessoas no período estudado. Entre os estudantes, pode ser realizado como um jogo de adivinhação.

As perguntas que nós fazemos sobre fontes são válidas se elas nos levarem a algum lugar. Collingwood (1939) identifica perguntas chaves: Como isso foi feito? Por quê? Como isso foi usado? Por quem? Havia outros? O que isso significava para a pessoa que o fez e o utilizou? Por exemplo: um calçado romano encontrado em Vindolanda, o equivalente ao feito por Gucci ou Lobbe hoje, pode nos contar algo sobre a estrutura social e econômica do forte. Uma carta da primeira geração “holandesa” romana no forte, pedindo roupas de baixo e meias para Roma, pode nos contar sobre o sistema econômico e de transporte do império e as atitudes das tribos holandesas em relação ao clima frio, às roupas, à cultura. E o grafite na porta da Prisão Newgate (Newgate Prison) ou a canção de Robert Burns, rabiscada em um vidro de uma janela que aceleram a pulsação – eles tangíveis com outras pessoas que viveram em outros mundos (COPPER, 2006, p. 21).

Para aprofundar os conceitos de segunda ordem citados (temporalidade, compreensão histórica e fontes históricas) e realizar um trabalho com os conceitos substantivos/conteúdos da História na formação e cadernos do Integrando Saberes 2024, o critério foi selecionar aqueles que ainda não possuem sugestões em outros materiais publicados pela SME. Dessa forma, os títulos em cada ano foram destacados da seguinte maneira:

1.º ano: Identidade da criança - História de vida.

2.º ano: Diferentes modos de locomover-se em diferentes tempos e espaços.

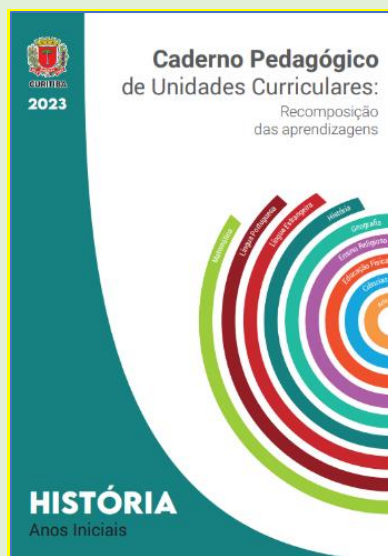
3.º ano: Fundação da Cidade de Curitiba – indígenas e bandeirantes.

4.º ano: Tropeirismo - comunicação, comércio, costumes, transportes e povoamento do Paraná.

5.º ano: As primeiras formações sociais – sedentarismo.

Por fim, é importante frisar que os encaminhamentos sugerem, além de analisar o conteúdo com os estudantes por meio de fontes (primárias e secundárias), estratégias de desenvolvimento da temporalidade e também com a compreensão histórica, os conteúdos devem ser articulados com questões significativas para os estudantes

Para conhecer mais sobre as fontes primárias e secundárias, assim como outros conceitos ligados ao Componente Curricular de História, sugerimos a leitura do Caderno Pedagógico de Unidades Curriculares: Recomposição das Aprendizagens.



Disponível no link: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2023/6/pdf/00422414.pdf>
Acesso em: 07 mar. 2024.

Boa leitura e boa formação!

Equipe de História da SME de Curitiba.

TROPEIRISMO: COMUNICAÇÃO, COMÉRCIO, COSTUMES, TRANSPORTES E POVOAMENTO DO PARANÁ

Aula Histórica

A Aula Histórica é a proposta de investigação fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Histórica e na história-ciência, que é a metodologia utilizada para os estudantes na Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba. Seu desenvolvimento se dá em 5 fases interdependentes, conforme a matriz abaixo:



Fonte: SME (2020).

Para saber mais

Os materiais produzidos pela equipe de História que atua na SME de Curitiba apresentam uma diversidade de sugestões de Aula Histórica, assim como os pressupostos teóricos e metodológicos de cada momento dela.



Disponível em:

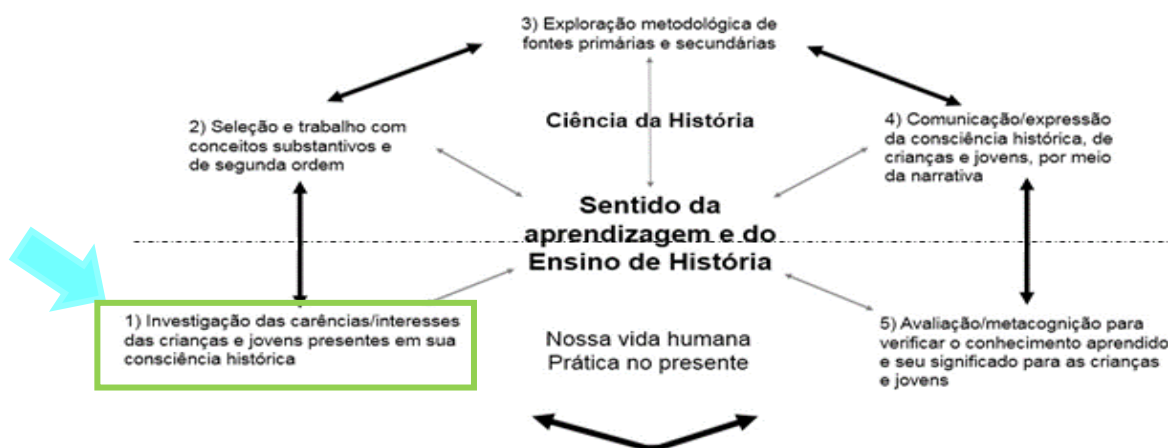
- Currículo: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2021/8/pdf/00306974.pdf>
- Integrando Saberes de História: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/integrando-saberes-historia/12954>

Acesso em: 07 mar. 2024.

4.º ANO

OBJETIVO	CONTEÚDOS	CRITÉRIOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Explicitar, relacionando o contexto histórico brasileiro com as causas que motivaram a ocupação e o povoamento do Paraná, a partir das diferentes fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocupação e povoamento do Brasil por diversos povos: originários (indígenas), europeus (portugueses e espanhóis) e africanos, destacando o Paraná nesse contexto, a partir do trabalho com diferentes fontes. • Ocupação e povoamento do Brasil, destacando o Paraná: Bandeirantismo, Reduções jesuíticas espanholas e Tropeirismo, entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Orienta-se temporalmente em relação ao contexto de ocupação e povoamento do Brasil, destacando o Paraná e utilizando informações de diferentes fontes: <ul style="list-style-type: none"> - Os povos originários (indígenas); - Europeus (portugueses e espanhóis): Bandeirantismo, a expansão das fronteiras portuguesas, destacando o Paraná nesse contexto; Reduções jesuíticas espanholas no Paraná; - Tropeirismo (a circulação de mercadorias, comunicação e fundação de cidades no Paraná). - Os povos africanos.

1- Investigação das carências/interesse dos estudantes presentes em sua consciência histórica



Fonte: SME (2020).

O planejamento da Aula Histórica se dará a partir do resultado das investigações de carência e interesse dos estudantes presente em sua consciência histórica. A importância desse momento foi abordada em diferentes materiais elaborados pela equipe:

Integrando Saberes 2023

Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2023/9/pdf/00440937.pdf>
Acesso em: 07 mar. 2024.

Caderno Pedagógico de Unidades Curriculares: Recomposição das aprendizagens

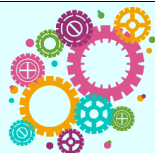
Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2023/6/pdf/00422414.pdf>
Acesso em: 07 mar. 2024.

Caderno de Avaliação Diagnóstica

Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2024/3/pdf/00464559.pdf>
Acesso em: 07 mar. 2024.

Para esse encaminhamento sugerimos que os estudantes respondam à questão:

Como vocês imaginam que se realizava o transporte de mercadoria quando não existia automóvel, nem trem?

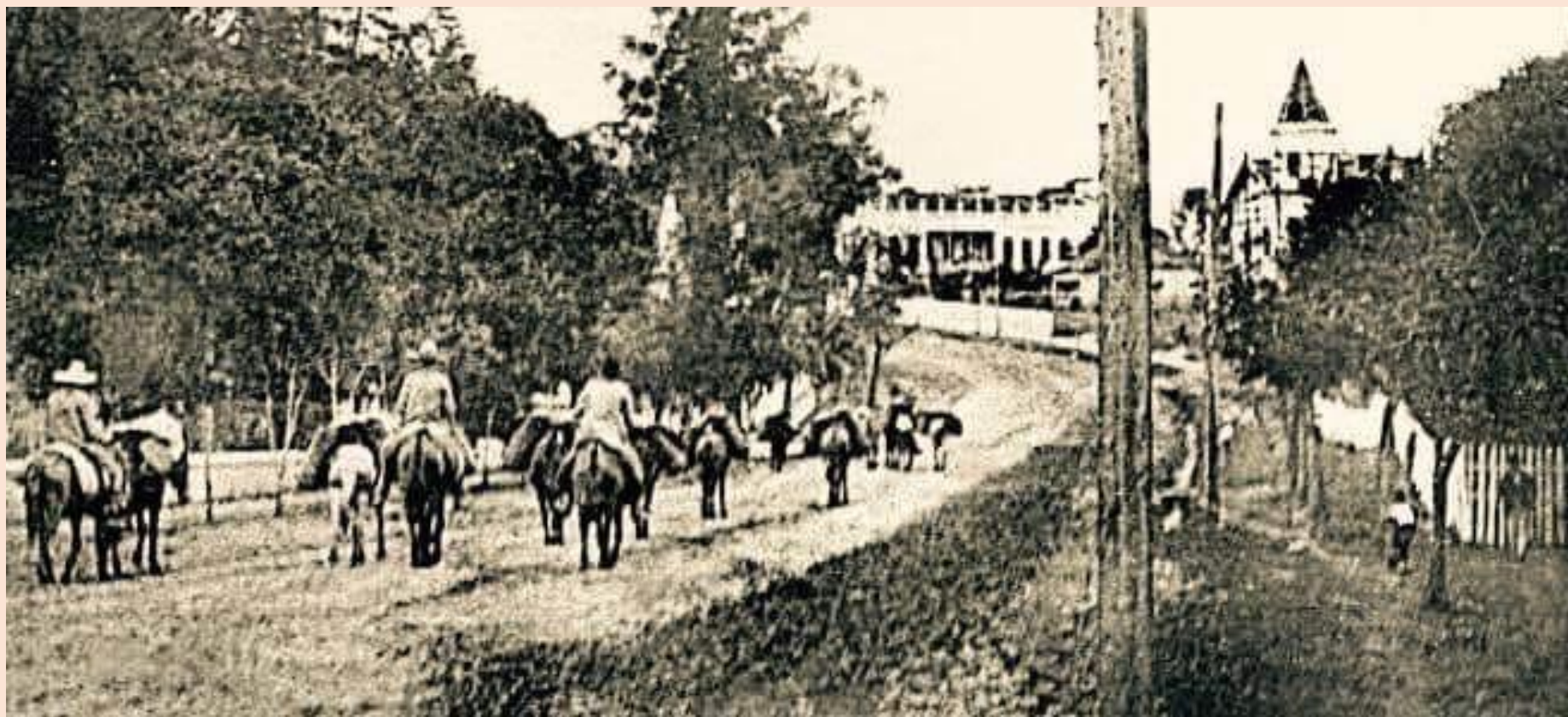


Integrando os componentes curriculares LÍNGUA PORTUGUESA

Após as discussões e relatos dos estudantes, proponha uma escrita coletiva ou individual sobre como era realizado o transporte das mercadorias antes da existência de automóveis e trens, podendo ser em formato de cartaz ou com anotações individuais no caderno ou até mesmo através de desenhos. O objetivo é que depois do estudo sobre o tema, os estudantes possam verificar se as hipóteses que relataram estavam certas conforme os acontecimentos reais do período ocorrido.

Professor(a)², em seguida, solicite aos estudantes que observem a imagem:

² Na escrita deste documento, destacam-se inicialmente os atores do processo educativo em suas formas masculina e feminina. Deste ponto em diante, apresentamos apenas a marca do masculino, conforme normatização da Língua Portuguesa para facilitar a leitura do material, sem, contudo, desconsiderar a importante caracterização de gênero nos tempos atuais.



Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimonio-cultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernoprn7_trilhas_e_caminhos.pdf

Acesso em: 30 jun. 2023.



Após esse momento de observação, pergunte aos estudantes:

O que a imagem representa? O que as pessoas estão fazendo? Qual a importância dos acontecimentos representados na foto para a história do Paraná?

Posteriormente questione:

O que você sabe sobre o tropeirismo e a importância de se estudar esse conteúdo?

As respostas dos estudantes podem ser distribuídas na tabela a seguir, a fim de analisar as necessidades apresentadas pela turma.

1- IDEIAS DE PRESENTE	2- IDEIAS DE PASSADO	3- IDEIAS QUE RELACIONAM PRESENTE E PASSADO	4- OUTRAS IDEIAS: PRECONCEITOS, ANACRONISMOS, EQUÍVOCOS	5- ESTILOS DE APRENDIZAGENS	6- INTERPRETAÇÃO DE FONTES, COMPREENSÃO CONTEXTUALIZADA E COMUNICAÇÃO

2- Seleção e trabalho com conceitos substantivos e de segunda ordem



Fonte: SME (2020).

Conhecendo as carências de orientação temporal e interesses apresentados pela turma, o professor seleciona os conceitos que serão desenvolvidos nesta Aula Histórica.

Seleção de fontes sugeridas

Nesta etapa, faça a seleção das fontes históricas e planeje a forma que irá analisá-las, com objetivo de corrigir as ideias históricas dos estudantes que apresentem distorções.

1 TROPEIRO E TROPEIRISMO

No século XVIII um importante caminho foi aberto, onde até então eram trilhas percorridas somente por indígenas, essas trilhas também eram usadas por portugueses e espanhóis ao embrenhar-se para exploração do território. O tropeirismo tem a sua origem vinculada com a abertura dessas primeiras trilhas. Entre essas trilhas, destacam-se o caminho do Peabiru que ligava Capitania de São Vicente (interior de São Paulo) passando por quatro países: Brasil (em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul), Bolívia, Paraguai chegando a Cusco no Peru e o caminho de Itupava, que interliga as planícies litorâneas ao primeiro planalto paranaense.

Adaptado de: O Tropeirismo no Paraná “A cultura tropeira em Castro”.

Disponível em:

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1627/CULTURA%20TROPEIRA%20EM%20CASTRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

p. 08. Acesso em: 30 jun. 2023.

Fonte histórica 2

Alimentação



Quirera lapeana.

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo**. Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 74.



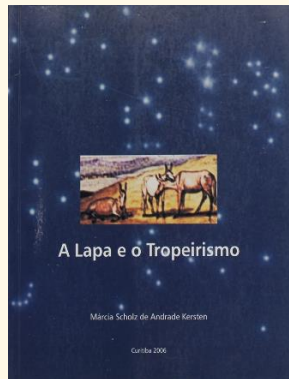
Arroz carreiro.

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo.** Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 74.



Virado lapeano.

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo.**
Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 74.



Nos “Sesteados”

A alimentação da tropa era tarefa para homens.

O cozinheiro, o comiteiro e o menino madrinheiro sempre iam à frente para preparar a refeição e esperar os demais. O cozinheiro liderava, organizava e distribuía as tarefas.

[...] ficava ele e outro, justo para fazer as compras e o cargueiro. Levava o cargueiro, cuidava, mas ia solto”. Nas paradas só fazia a comida. Aí ele ia cortar charque. Também escolhia o camarada para fazer as tarefas ligadas as suas funções. “E o cozinheiro dizia: fulano, vá cortar lenha, você vai buscar água, o outro vai cortar esteio para armar a barraca ao mesmo tempo”. (...). “E qualquer um podia ser esse fulano.

O cozinheiro determinava e esse empregado obedecia” (TRINDADE, 1992, p. 117-118).

No começo do dia, o madrinheiro armava o “fogão” – fogo no chão sob uma trempe de ferro – e acendia o fogo. A primeira água era para o chimarrão, o café assustado era preparado na chocolateira. Adicionava-se o pó e água quente, jogava-se uma brasa acesa na água para que o pó se precipitasse. Estava pronta a beberagem, que era acompanhada de toucinho bem frito, paçoca e virado de feijão.

Nos “sesteados”, momentos de descanso diário, o tropeiro elegeu os alimentos “do gosto”, considerados mais substanciosos, embora sem muita variação. Até mesmo pelas condições da jornada, a comida tropeira era preparada com ingredientes de fácil conservação, tais como o feijão, a farinha de milho. O arroz, o charque, o toucinho, o café adoçado com o açúcar mascavo ou cristal ou rapadura. Comia-se feijão com toucinho, arroz com charque, acompanhado de farinha e café. “Da alimentação da gente fazia parte o charque com arroz, feijão na panela de ferro e café “assustado”, que hoje já se tornaram folclore da história paranaense” (Eliseu Weinhardt Silveiro. In: PRECEDELLO, 1999, p. 14).

Trecho do livro:

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo**. Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 74.

Fonte histórica 3

Vestimentas



KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade.
A Lapa e o tropeirismo.
Curitiba: 10.^a Superintendência
Regional do IPHAN, 2006, p. 74.



ZATTI, Carlos. Tropeiros em Rio Negro. O Paraná de Bombachas. IHGPR, 2013.

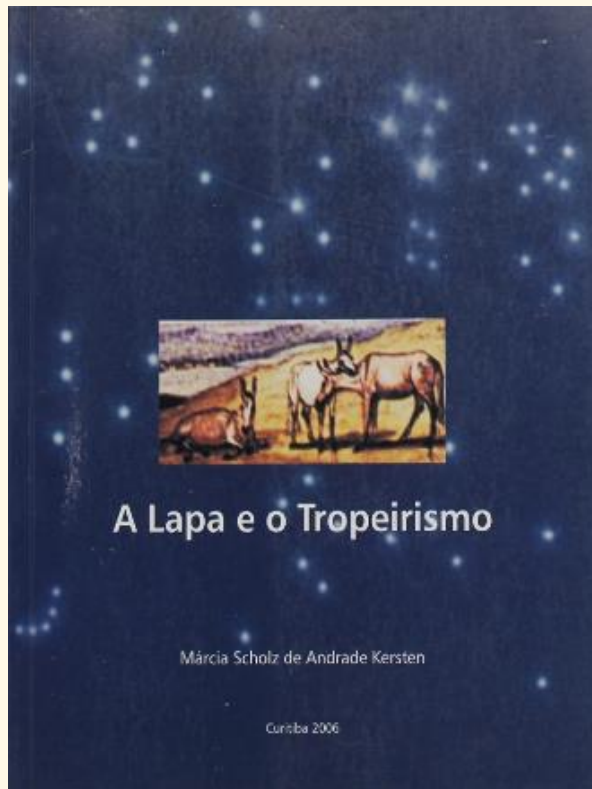
Disponível em:

<https://encurtador.com.br/iwN19>

Acesso em: 27 fev. 2024.

Fonte histórica 4

Linguagem tropeira



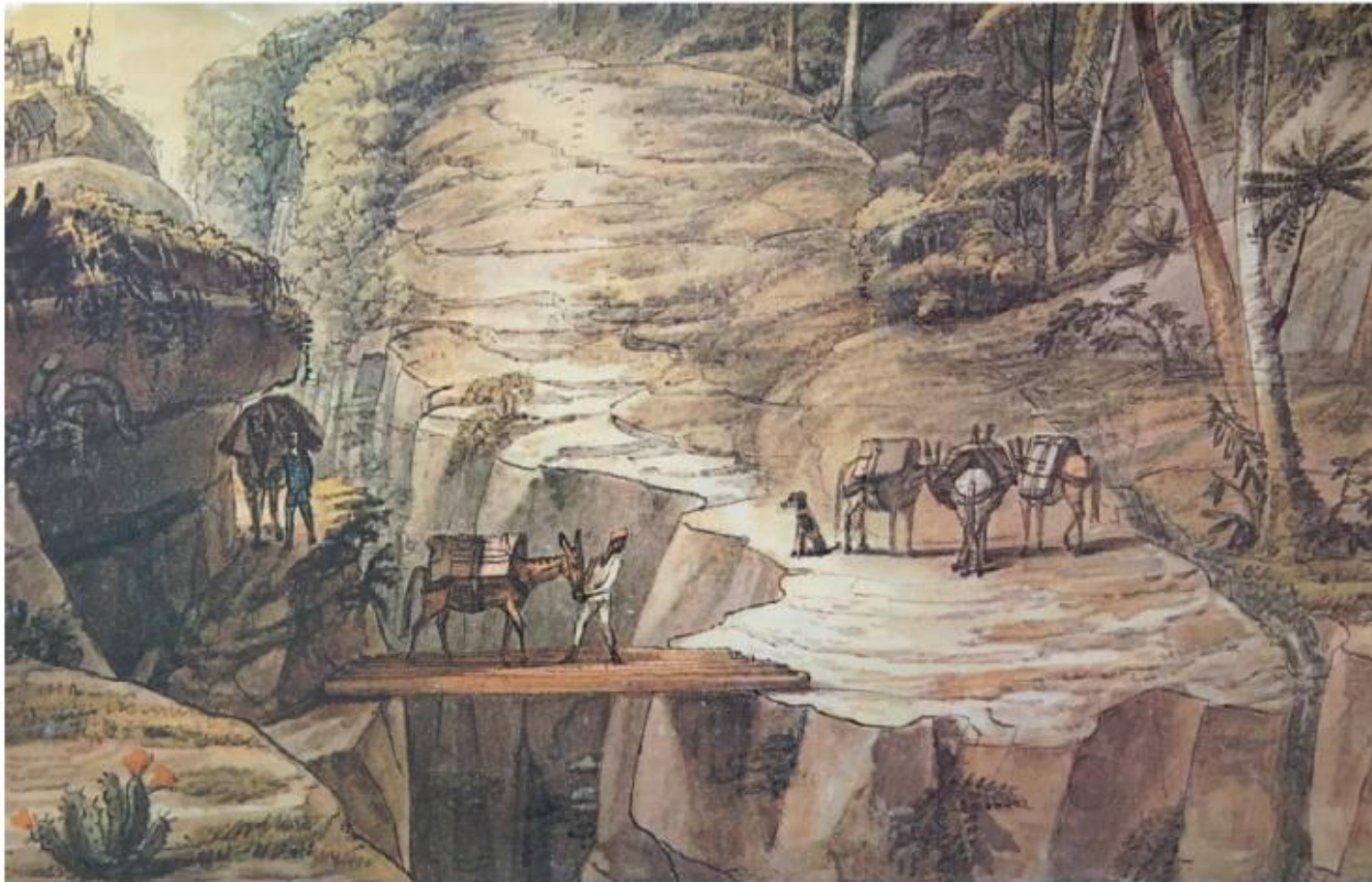
Esse inventário recolheu em torno de 293 termos, apresentados no glossário. Alguns merecem destaques pela curiosidade que despertam, pela abrangência de significado ou ainda pelo seu uso corrente: alçado, arreio, capoeirão, encilhar, guampa, invernada, pala, rabicho, tirador.

Trecho do livro:

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo**. Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 59.

Fonte histórica 5

Trajeto



Limite da Província de São Paulo com Curitiba.

Gravura de Jean – Baptiste Debret, século XIX. Aquarela sobre papel, 14,9×23,1 cm.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/anaism/p/a/nKFwNPFsysK8Fy5ZFCZLM9s/#>

Acesso em: 30 jun. 2023.



Travessia do Rio Jaguaricatu – 1827 – Jean Baptiste Debret.

Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimoniocultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernoprn7_trilhas_e_caminhos.pdf

Acesso em: 30 jun. 2023.

As mulas iam para os centros de venda de animais, às feiras para serem comercializadas. Nessa época esses animais eram muito importantes para o país e graças a eles muitas das novidades da corte se inseriram no sertão. Constituíam-se num meio de transporte por excelência. Muitas das mercadorias, cereais, equipamentos para lavrar a terra e mimos femininos foram transportados de um ponto a outro do Brasil.

É no sul que a mula vai ser encontrada em maior quantidade e é por estes caminhos sulinos que as tropas, ao passarem, vão deixando suas marcas, fazendo nascer vilas, povoados e cidades.

Muito antes do rádio, da televisão e do cinema os tropeiros que se encarregavam das notícias, das cartas, do aviamento de receitas, de trazer encomendas da cidade para um ponto longínquo. Eram esperados com ansiedade pelos habitantes de povoados enfronhados no interior brasileiro; eram eles que tornavam menor seu isolamento e mais curta a distância entre o sítio ou fazenda e a cidade.

Nestes trajetos misturavam-se tropeiros (donos de tropa), capataz, camarada ou peão, menino de tropas (às vezes chamado "menino madrinheiro") e cozinheiro. Uns iam a pé conduzindo a tropa, cuidando para que nenhum animal se perdesse; outro se adiantava com o intento de chegar antes e ir preparando a "bóia". Algumas vezes o menino de tropa ia montado em uma mula, puxando a égua madrinha que era seguida pelos demais animais. Em outros casos já não se encontra a figura do cozinheiro, mas um dos peões que, além da lide diária que lhe é própria, acumulava também a função de cozinheiro.

-04-

A caminhada mais longa era feita pela manhã, quando todos - homens e animais - estavam ainda descansados da noite anterior e o clima ajudava.


Com o passar das horas o sol se tornava mais quente, a fome apertava e o cansaço rendia a todos. O que os tropeiros mais desejavam nessa hora era um bom pasto, relativamente fechado para impedir a dispersão dos animais e que estivesse próximo a uma aguada. Era este o horário da "sestada", a primeira parada do dia.

Com os ânimos já recuperados, o tropeiro voltava à sua jornada, desta vez mais lenta. Com o pôr do sol, uma nova parada.

Tropa em marcha. — Tropa auf dem Marsch (1933).



Tropas em Mulas – 1933.
Acervo Casa da Memória.
Disponível em
http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/fotos.php?cod_acervo=184488
Acesso em: 03 jul. 2023.



Atribuir ao tropeiro apenas a condição de transportador de gado é pouco para o que ele realmente representou. Cruzando os sertões sob as mais adversas condições, o tropeiro transportava para as localidades mais remotas tanto mercadorias de primeira necessidade, como artigos importados. Intermediava negócios, comprava e vendia animais, levava e trazia notícias e correspondência, ajudou os portugueses a se apropriarem de territórios ocupados pelos espanhóis, mas que já lhe pertenciam por força de tratados internacionais. O vai-e-vem tropeiro misturou tradições, usos e costumes da época, de acentuado componente português, espanhol, negro e indígena, algo que viria a influenciar fortemente a fisionomia socioeconômica e cultural do Brasil meridional.

Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimonio-cultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernoprn7_trilhas_e_caminhos.pdf
Acesso em: 30 jun. 2023.

O TRAJETO

E vinham por intermináveis caminhos, abrindo matas, atravessando rios, montanhas e seguindo trilhas de outros que por ali passaram, fazendo o mesmo trabalho. Eram homens, animais, eram muitos, viviam deste árduo e venturoso trabalho.

E pelo caminho tudo podia acontecer, desgarrar-se um animal, quebrar a pata de outro, adoecer um "camarada". Eram meses de viagem, onde esses imprevistos retardavam a marcha e careciam de solução entre os próprios tropeiros.

Iam em bandos, muitas vezes se dividiam em lotes de sete ou mais animais, tendo à frente a égua madrinha que conduzia o cortejo, toda enfeitada, com seu peitoral cheio de sinos, fitas e outros adereços.

Os homens que as conduziam estavam sujeitos a toda sorte de acontecimentos, ora um delicioso sol matinal, ora o tempo irreverente transforma-se numa chuva sem trêgua e lá estão eles, os homens, os animais...

No princípio eram mulas soltas, "xucras" como se costumava dizer. Acompanhavam a égua madrinha, vez por outra se desgarravam e era tarefa do "arribador" procurá-las, novamente alcançar a tropa e assim uní-las às demais.

"A 'arribada' era um ponto de honra na folha de serviço do tropeiro; se ele se saía bem, era uma glória e se fracassava, era coberto de vexame".¹

Pode-se dizer que a "arribada" era uma espécie de ritual de iniciação, quando esta tarefa era solicitada a alguém do grupo que desempenhava uma atividade considerada secundária, se fosse vitorioso, passaria a fazer parte de outro grupo (peão, capataz,

-03-



Acervo Digital da Biblioteca Nacional.
Autor/Criado: Adam, Albrecht,
1786-1862.
Título: Habitants de Minas.
Ano [18-]
Disponível em:
http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/fotos.php?cod_acervo=184488
Acervo em: 12 mar. 2024.



HABITANS DE MINAS.

Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Autor/Criado: Adam, Albrecht.
1786-1862.

Título: Habitans de Minas.
Ano [18-].

Disponível em:

<https://bdib.bn.gov.br/acervo/>

Acesso em: 12 mar. 2024,



Parque da Barreira – Sengés-Paraná.
MELO, Giselia, Acervo: Equipe de História, SME, 2024.

Fonte histórica 6

Pouso

O POUSO

"De quatro em quatro léguas uma clareira, pastos, uma casa onde se vende milho, o pouso".²

Ao findar-se mais uma jornada de trabalho, os tropeiros paravam, aí era hora de preparar almoço, cuidar dos animais e passar a noite.

No começo essas paradas se davam muitas vezes sob a copa de árvores ou às margens de algum rio. Aí se improvisavam barracas para ficar durante a noite. No decorrer do tempo, as tropas foram se constituindo num negócio lucrativo e duradouro. Então os proprietários de terras passaram a construir pequenas palhoças à beira do caminho para abrigar tropeiros em viagem.

Como esta atividade se desenvolveu e poucos vão se constituir em fonte de renda para os proprietários de terras situadas nos caminhos por onde passavam as tropas, a construção de ranchos apropriados passou a constar das preocupações dos governos.

-05-

Disponível em: https://www.mis.pr.gov.br/sites/mis/arquivos_restritos/files/documento/2022-05/caderno_do_mis_01.pdf

p. 05. Acesso em: 03 jul. 2023.



Fazenda Capão Alto – Castro-Pr.
Local de pouso dos tropeiros.
MELO, Giselia,
Acervo da Equipe de História, SME,
2024.

Fonte histórica 7

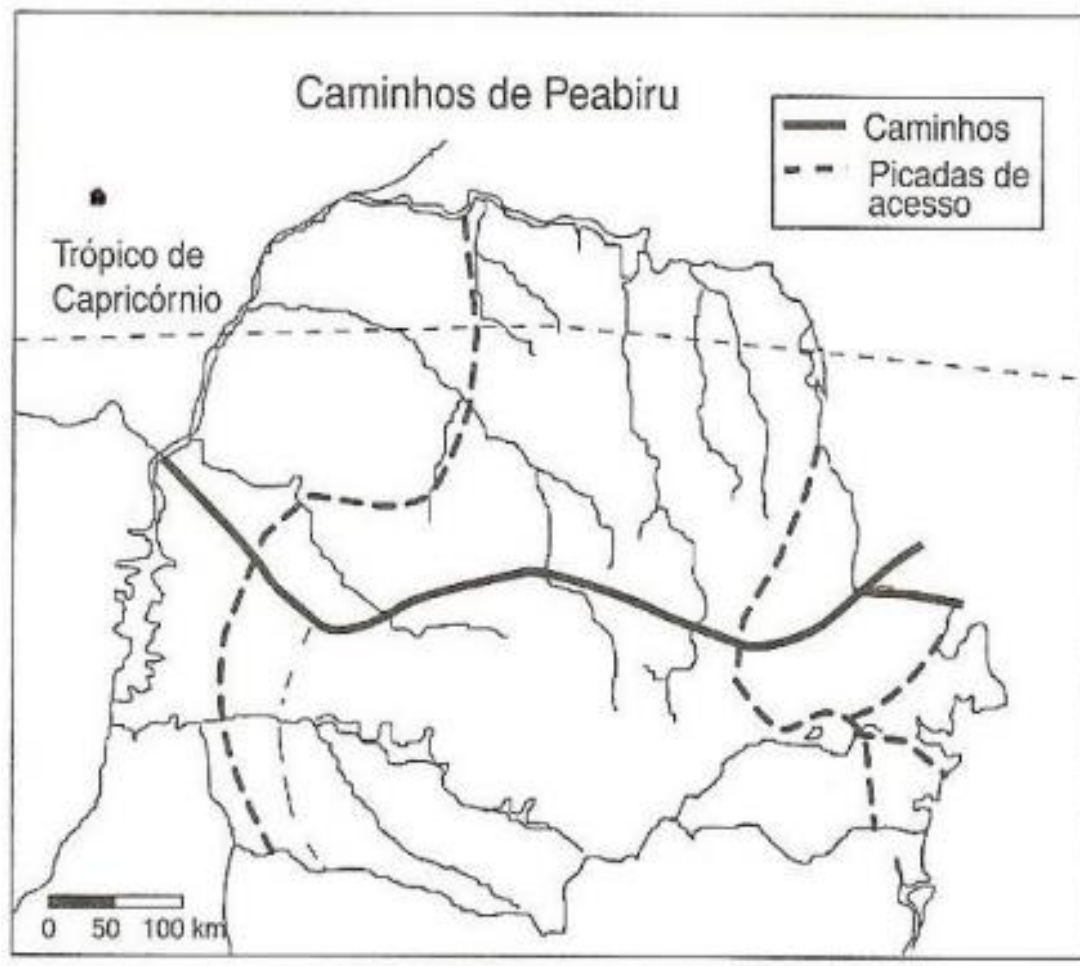
Mapas



Caminho do Viamão (TRINDADE, 1992 apud MOREIRA, 2006, p. 58).

Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_uel_historia_md_cacilda_pollo.pdf

Acesso em: 30 jun. 2023.

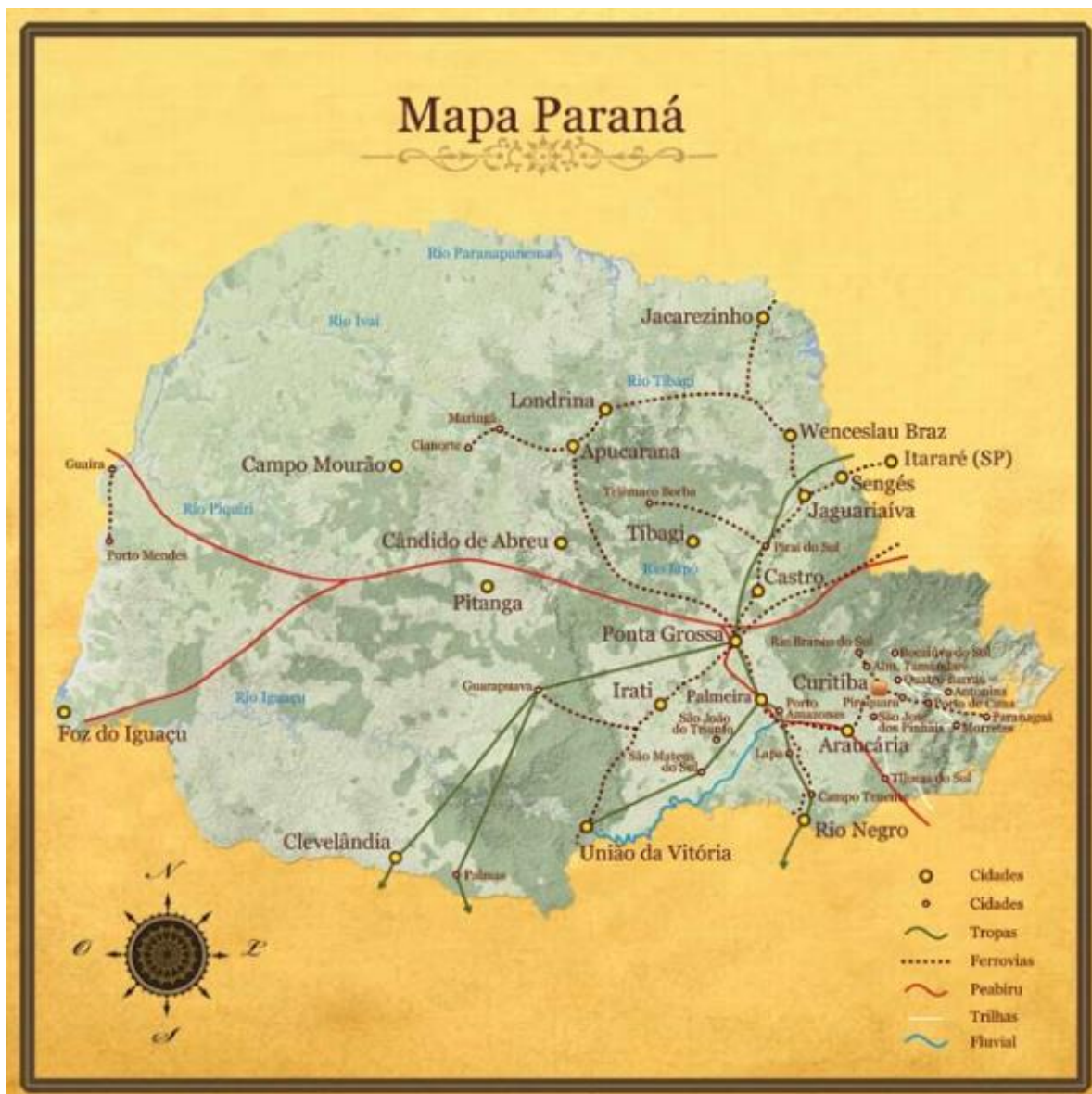


Mapa 1 – Caminhos de Peabiru (TOMAZI, 1998, p.9)

Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_uel_historia_md_cacilda_pollo.pdf

Acesso em: 03 jul. 2023.



Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimoniocultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernoprn7_trilhas_e_caminhos.pdf
 Acesso em: 03 jul. 2023.

Fonte histórica 8

Mapa histórico Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC)



Para acessar o mapa direto na plataforma, clique no link:

<https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=08244807f77f47baeb2239ef7550db0>

Acesso em: 03 jul. 2023.

Fonte histórica 9

Patrimônio Imaterial



Roda de Chimarrão.

KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo.** Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 59.



Cavalgadas – Pirai do Sul.
Foto: Toninho Anhaia/
Prefeitura de Pirai do Sul.
Disponível em:
<https://www.viajeparana.com/Pirai-do-Sul#&qid=1&pid=5>
Acesso em: 04 jul. 2023.

Fonte histórica 10

Patrimônio Cultural



Portal de entrada.

Fonte: Prefeitura de Rio Negro.

Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Galeria-de-Imagens/Rio-Negro>

Acesso em: 30 jun. 2023.



Câmara Municipal.
Antiga Estação Ferroviária.
Foto: Prefeitura de Campo do Tenente.
Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Campo-do-Tenente#&qid=1&pid=3>
Acesso em: 03 jul. 2023.



Museu do Tropeiro.
Foto: Prefeitura de Castro.
Disponível em:
[https://www.viajeparana.com/
Castro](https://www.viajeparana.com/Castro)
Acesso em: 03 jul. 2023.



Casa da Memória.
Foto: Prefeitura da Lapa.
Disponível em:
[https://www.viajeparana.com/
Lapa#&qid=1&pid=22](https://www.viajeparana.com/Lapa#&qid=1&pid=22)
Acesso em: 03 jul. 2023.

Rua das Tropas

RUA DAS TROPAS

As cidades comuns paranaenses criadas no século passado e situadas no eixo Norte-Sul, possuíram ruas conhecidas como das Tropas e logradouros, transformados em bairros denominados Rondas, por uma decorrência da principal atividade paranaense de então, o tropeirismo, antes de serem construídas as estradas de ferro.

Não eram denominações oficiais, oriundas de algum ato político-administrativo das câmaras. Foram apelidos surgidos na boca do povo, num gesto espontâneo de reconhecimento ao comércio intenso de tropas que desciam e subiam, no transporte de coisas para o Sul e de animais para o Norte.

O comércio com o litoral também era feito por tropas que transportavam couros, açúcar, lã, café, algodão, mate, cera, mel, fumo, etc., produzidos no interior para voltar com sal, fazendas e outras mercadorias importadas.

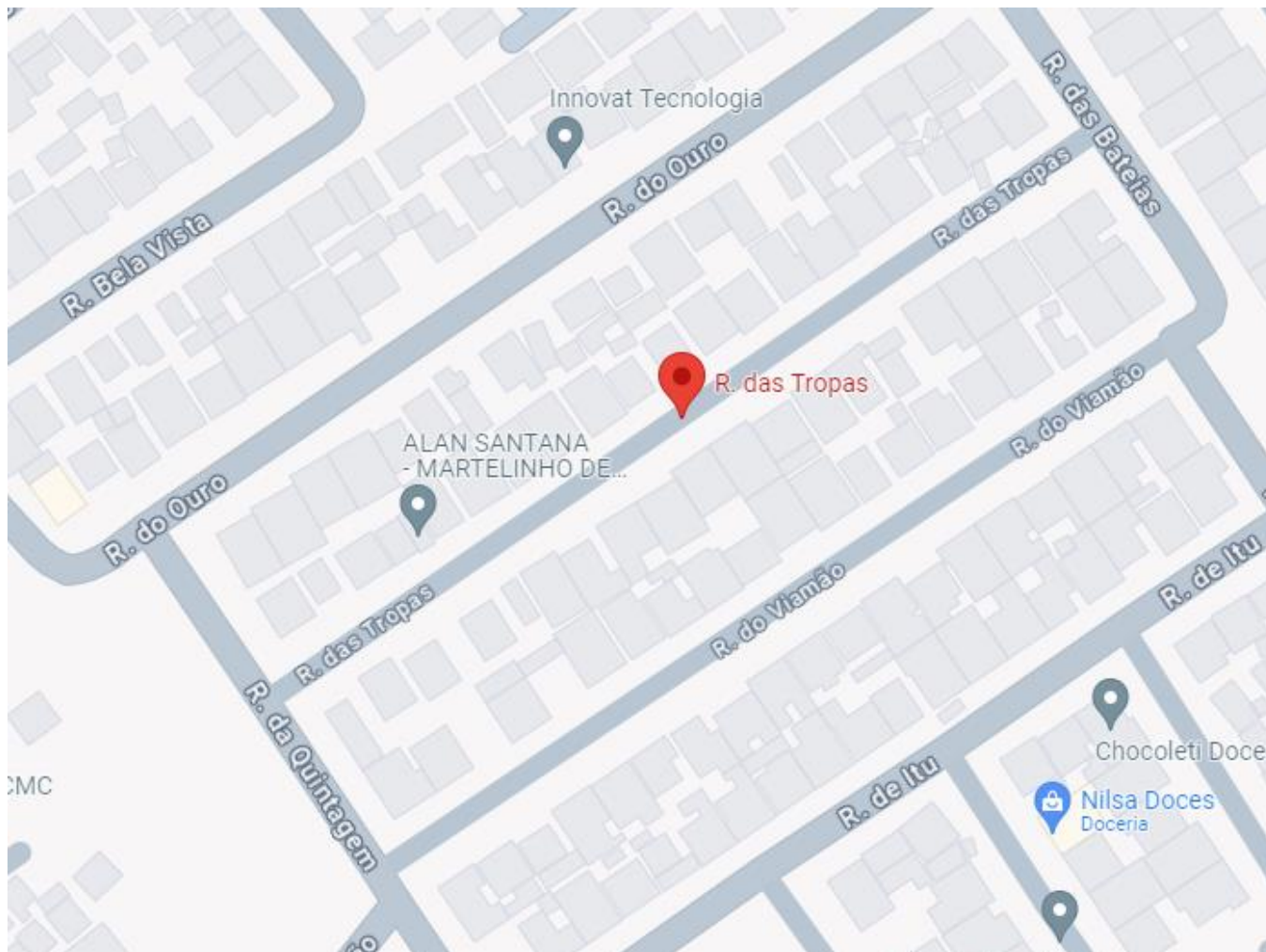
Este meio de transporte perdurou até que foram substituídos pelos carroções que eram mais práticos quanto ao volume das mercadorias, até que chegou a vez destes, substituídos que foram pelos caminhões e vagões ferroviários.

O pioneirismo no transporte, contudo, foi em lombo de muietas. O tropeirismo desbravou nosso interior e manteve ligações entre núcleos populacionais dispersos por longínquas paragens. Aos tropeiros devemos a uniformidade da língua, a integridade de solo, a homogeneidade de hábitos e costumes de um período que vem do Brasil-Colônia, atravessou o Primeiro e Segundo Impérios para terminar seu predomínio no início do Brasil-República.

Esses nossos bravos ancestrais não têm mais suas ruas nas velhas cidades, nem seus locais de ronda da mulada arreada... Os lapaecos — honra lhes seja feita — prestaram-lhes a homenagem de um monumento; outros paranaenses, com poesias, crônicas e pinturas, recordam suas andanças, seus causos contados nos pousos, suas aventuras e brigas com assaltantes, pelas verdadeiras leguentas do Brasil Meridional.

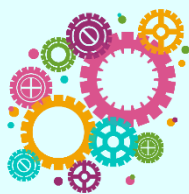
A tradição popular ainda ponderável é, ao lado das obras literárias, museus e monumentos, um pilar da cultura que não deve jamais ser relegado.

Muito difícil é encontrar-se um paranaense do interior que não conheça a rua das Tropas e a Ronda de sua cidade natal. E observe o prezado leitor este pormenor: nunca e jamais existiu uma placa com o nome de rua das Tropas e ninguém ouviu falar em sinalização ou qualquer indicação para o viajante curioso saber onde fica a Ronda!



Disponível em:
https://www.google.com/maps/place/R.+das+Tropas+-+Guabirota,+Curitiba+-+PR,+82590-300/@-25.4641444,-49.2430682,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x94dce5212dea82dd:0xedceef1ba12f6ad!8m2!3d-25.4641444!4d-49.2404933!16s%2Fq%2F1ymvkm_yd?entry=ttu

Acesso em: 03 jul. 2023.



Integrando os componentes curriculares

ENSINO RELIGIOSO

No componente curricular Ensino Religioso, para as turmas de 4.º ano, trabalhamos com diferentes formas de identificar a presença de elementos religiosos na arte, nas festas populares e na cultura popular. Nesse sentido, ao abordar as “Cavalcadas”, o professor pode também apresentar, o elemento religioso envolvido, como a devoção à Nossa Senhora Aparecida, entre outros santos. Também, ao falar da Lapa, uma personagem que, não só figurou a vida dos lapeanos entre o final do século XIX e início do XX, como ainda suscita inúmeras histórias e causos, contados nas rodas de chimarrão e nas ruas da cidade: o Monge da Lapa (**ANEXO 1**). Uma representação religiosa que permeia a cultura popular do povo paranaense.



Integrando os componentes curriculares

GEOGRAFIA

A variedade de fontes históricas que são apresentadas no decorrer do encaminhamento permite que o professor estabeleça relações importantes sobre as características das paisagens ao longo do tempo. Em Geografia, o estudo das paisagens também resulta das comparações do que é observado no tempo e no espaço.



Integrando os componentes curriculares

ARTE

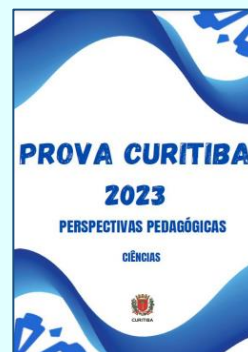
Como sugestão, aprofunde o trabalho a respeito do pintor Jean-Baptiste Debret e seus primeiros registros de Curitiba, nos quais os escravizados são retratados em suas pinturas.



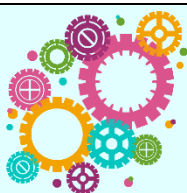
Integrando os componentes curriculares

CIÊNCIAS

Nas aulas de Ciências do 4.º ano, apresentamos o conteúdo sobre misturas, e o arroz carreteiro é um bom exemplo delas. As atividades sobre os tipos de misturas e encaminhamentos pedagógicos podem ser analisados no caderno da “Prova Curitiba 2023 – Perspectivas pedagógicas” disponível em:



<https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2023/10/pdf/00445727.pdf>



Integrando os componentes curriculares

GEOGRAFIA

Ao tratar das cidades que faziam parte da rota dos Tropeiros, em Geografia é possível relacionar o seguinte critério de ensino-aprendizagem:

- Identifica, a partir de mapas, as divisões territoriais entre estado, região metropolitana e município, suas fronteiras e sua hierarquia, localizando seus lugares de vivência.



Integrando os componentes curriculares

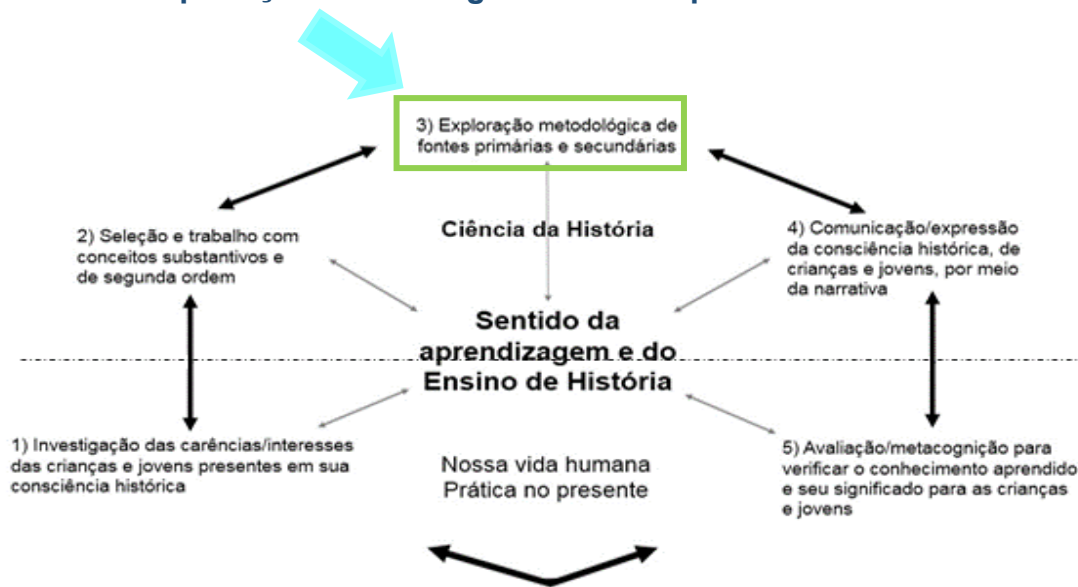
LÍNGUA PORTUGUESA

É possível trabalhar com o texto “Tropeiro e tropeirismo” (fonte 1), professor pode entregá-lo impresso aos estudantes, realize uma primeira leitura e em seguida, proponha uma outra estratégia de leitura, exemplos:

- A leitura apontada - leva o texto ampliado ou em formato de cartaz e aponta cada palavra para que os estudantes leiam em voz alta.

- A leitura em eco - lê um pequeno trecho e os estudantes repetem a leitura acompanhando no texto impresso com o auxílio de uma régua, palito, dedinhos, etc.

2- Exploração metodológica de fontes primárias e secundárias



Fonte: (SME, 2020).

Nesta etapa, organize os estudantes em duplas ou em pequenos grupos para que realizem a exploração metodológica das fontes históricas selecionadas, estas podem ser reproduzidas mediante cópia ou exposição no kit multimídia.

Após, análise e conversa sobre o material, peça para os estudantes que observem e descrevam as imagens (**foto inicial e fonte 5**), inicialmente sem a legenda:



Converse sobre as semelhanças das imagens. Comentar sobre a primeira imagem.

Após as respostas dos estudantes, apresente as legendas, ofertando mais informações sobre o assunto.

Texto para subsídio ao professor:

Texto um

Atribuir ao tropeiro apenas a condição de transportador de gado é pouco para o que ele realmente representou. Cruzando os sertões sob as mais adversas condições, o tropeiro transportava para as localidades mais remotas tanto mercadorias de primeira necessidade, como artigos importados. Intermediava negócios, comprava e vendia animais, levava e trazia notícias e correspondência, ajudou os portugueses a se apropriarem de territórios ocupados pelos espanhóis, mas que já lhe pertenciam por força de tratados internacionais. O vai-e-vem tropeiro misturou tradições, usos e costumes da época, de acentuado componente português, espanhol, negro e indígena, algo que viria a influenciar fortemente a fisionomia socioeconômica e cultural do Brasil meridional.

Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimoniocultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernoprn7_trilhas_e_caminhos.pdf
Acesso em: 07 fev. 2024.

Texto de apoio para o professor:

Texto dois

Qual a importância do tropeirismo para a história do Paraná?

O Tropeirismo foi um movimento econômico que se iniciou com a exploração econômica do gado no início do século XVIII. Como o transporte rodoferroviário ainda não era desenvolvido, a mula era a principal forma de locomoção para grandes viagens, pois tinha mais resistência para essa demanda. Os donos de gado organizavam expedições saindo do Rio Grande do Sul sentido Sorocaba em São Paulo, onde expunham os animais à venda em feiras na região. A tropa (como era chamado o conjunto dos tropeiros) era composta por pessoas com diferentes funções e a viagem, devido às grandes extensões percorridas, exigia que os integrantes da comitiva tivessem que pousar em diversos trechos. Isso influenciou a cultura e o surgimento de povoados e pelos locais por onde passavam. Os tropeiros acabavam também exercendo diferentes funções, como transporte de mercadoria e comunicação, pois levavam recados e notícias para cada uma das diferentes localidades pelas quais transitavam. A contribuição do tropeirismo transcende a função de transportador e vendedor de gado. Culturalmente, por exemplo, a herança tropeira atinge diferentes âmbitos como a vestimenta, a alimentação, a linguagem e a difusão do costume de tomar chimarrão.

MELO, Giselia dos Santos de. Tropeirismo. Curitiba, 2024.

Outros temas que podem ser abordados nas aulas:

Leitura do texto:

O Tropeiro

O tropeiro, a partir de 1730, era um homem habilidoso em “armar uma tropa”, em escolher os melhores animais, em regatear preços, em compor a comitiva, isto é, em escolher homens aptos e práticos na condução de tropas de muares, cavalos e bois, enfrentar marchas difíceis e perigosas desde o Rio Grande do Sul até Sorocaba/SP.

O tropeiro era o dono dos animais em marcha, o dono da tropa, o dono do negócio, ele chefiava e decidia.

A sua *comitiva* (auxiliares) compunha-se de um madrinheiro, de um cozinheiro, de diversos peões arrieiros, que acompanhavam animais, e se incumbiam da ronda noturna, de peões arribadores que recuperavam animais extraviados. Os peões da comitiva eram assalariados e executavam as tarefas mais rudes.

Entre 1730 a 1853, o tropeirismo era exercido por muitos tropeiros dos Campos Gerais estabelecidos em Castro, Lapa e Palmeira.

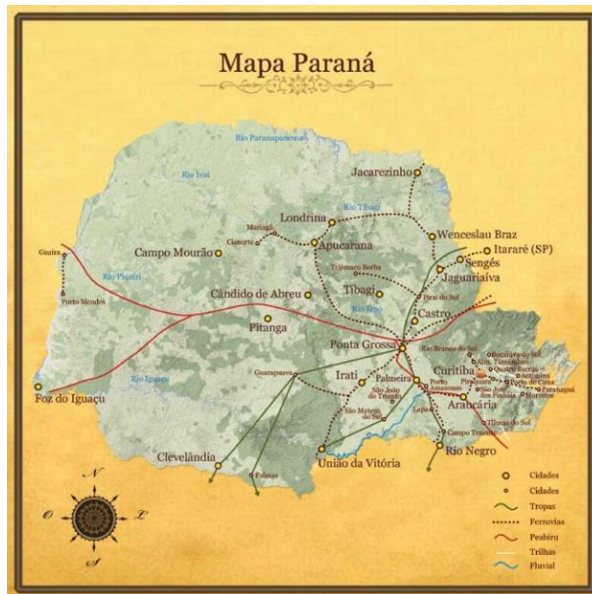
Fonte: FILIPAK, Francisco. **Tropeirismo**: platino-peruano e platino-brasileiro. Curitiba: Editora Juruá, 2008. p. 111.

O trajeto

Segundo Luiz Cezar Kreps da Silva (In SCORTEGAGNA; REZENDE; TRICHES, 2005, p.108) é “inquestionável o papel do tropeiro, tanto no desenvolvimento do comércio, transporte de cargas e tropas, quanto nas relações sociais e humanas que desenhariam a arquitetura dos caminhos, principalmente no sul do Brasil. Influenciando, inclusive, no surgimento de muitas cidades que vicejaram ao longo das rotas”.

Disponível em: https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/sites/patrimoniocultural/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/cadernopm7_trilhas_e_caminhos.pdf

Acesso em: 07 fev. 2024.



Oriente os estudantes a compararem as informações do texto “O trajeto” de Luiz Cezar Kreps da Silva, com as informações do mapa (**fonte histórica 7**), unindo as inferências. Observe por exemplo o nome das cidades paranaenses que fizeram parte da rota dos tropeiros; se a cidade onde os estudantes

moram ou nasceram está incluída e se conhecem algumas das cidades por onde os tropeiros passaram, entre outros questionamentos que possam surgir. A turma, a dupla ou cada grupo pode pesquisar a respeito de uma dessas cidades analisando se há alguma herança tropeira: alimentação, patrimônio cultural, linguagem, pousadas, turismo.



Integrando os componentes curriculares GEOGRAFIA

O trabalho com mapas contribui para que o estudante perceba o espaço onde está inserido, analise seus elementos e compreenda os fenômenos geográficos.

Para entender como aprofundar o trabalho com mapas, sugerimos a leitura do material "Integrando Saberes 5.º ano - A importância da leitura de mapas - Geografia" (2022).



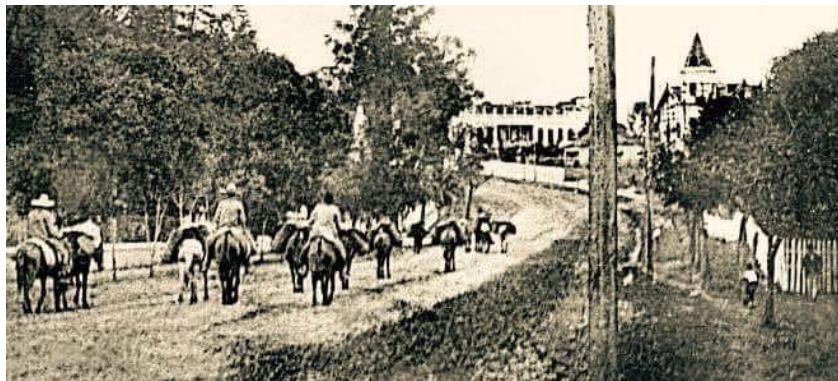
Disponível em:

<https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2022/9/pdf/00375819.pdf>

Acesso em: 20 mar. 2024.

Afinal, Curitiba fazia parte da rota dos Tropeiros?

A imagem registra a passagem de um grupo de tropeiros (tropa) descendo o início da Serra da Graciosa em Curitiba.



Peça aos estudantes que encontrem no mapa a saída para a Serra da Graciosa, uma sugestão é utilizar os mapas em alta resolução disponibilizados pelo IPPUC (**fonte histórica 8³**).

³ Disponível em:

<https://geocuritiba.ippuc.org.br/porta/apps/webappviewer/index.html?id=08244807f77f47fbaeb2239ef7550db0>

Acesso em: 13 mar. 2024.



Integrando os componentes curriculares GEOGRAFIA

Além da pesquisa no Google Maps, é possível acessar o Google Earth para que os estudantes observem, além da localização do endereço, o relevo da Serra da Graciosa com a função 3D.

Em seguida, os estudantes podem ler o texto sobre a Rua das Tropas (**fonte histórica 11**) e pesquisar a existência dessa rua, em Curitiba e em outras cidades, no *Google Maps*, observando o mapa referente.

RUA DAS TROPAS

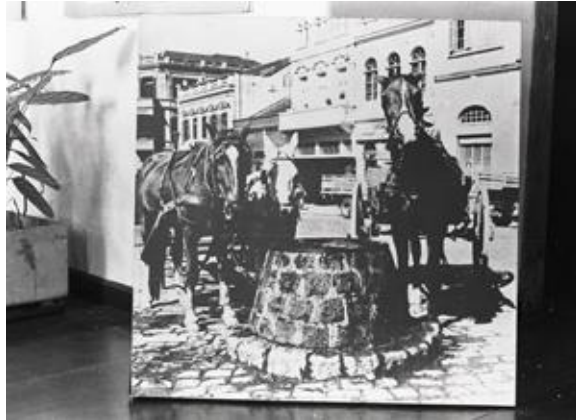
As cidades comuns paranaenses criadas no século passado e situadas no eixo Norte-Sul, possuíam ruas conhecidas como das Tropas e logradouros, transformados em bairros denominados Rondas, por uma decorrência da principal atividade paranaense de então, o tropeirismo, antes de serem construídas as estradas de ferro.

Não eram denominações oficiais, oriundas de algum ato político-administrativo das câmaras. Foram apelidos surgidos na boca do povo, num gesto espontâneo de reconhecimento ao comércio intenso de tropas que desciam e subiam, no transporte de coisas para o Sul e de animais para o Norte.

The image also includes a map of a street grid in Curitiba, with a red pin marking 'Rua das Tropas'. Other visible streets include R. Bela Vista, R. do Ouro, R. das Tropas, R. do Venâncio, R. do Itú, R. das Batatas, R. do Contorno, and R. de Santa Helena. Landmarks like 'ALAN SANTANA - MARTELINHO DE...', 'Chocolati Doces', and 'Nissa Doces Doceria' are also labeled.

Após a comparação das fontes, converse com os estudantes quais são as evidências de que Curitiba era passagem dos tropeiros. Segue alguns lugares que possuem alguma evidência:

Bebedouro no Largo da Ordem



1970 - Acervo Cid Destefani.

Disponível em:

<https://www.turistoria.com.br/a-historia-do-largo-da-ordem-de-curitiba>

Acesso em: 03 jul. 2023.

Centro Histórico de Curitiba, o painel de Poty Lazzarotto, em frente ao Memorial



Disponível em:

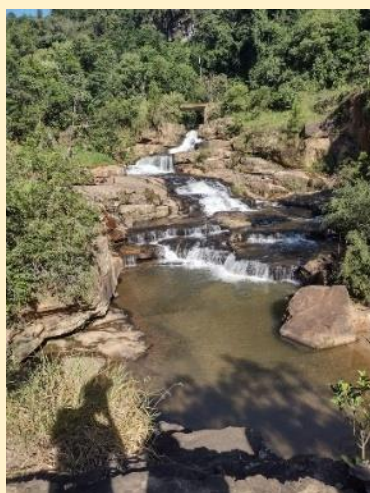
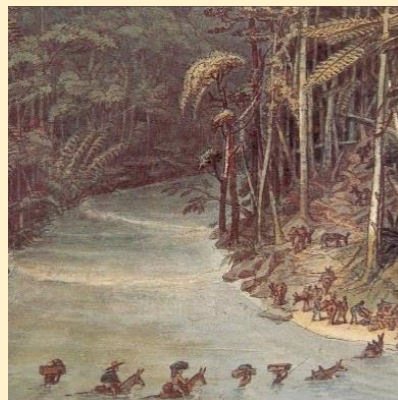
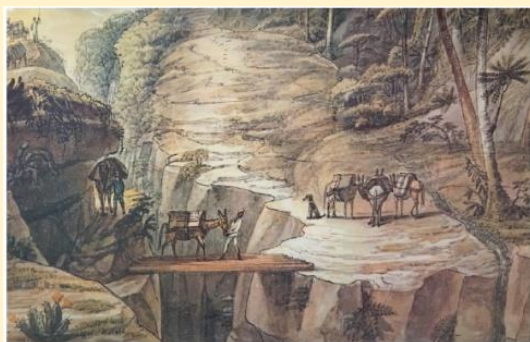
<https://curitibaspace.com.br/poty-tropeiro>

Acesso em: 03 jul. 2023.

As condições de deslocamento dos tropeiros

Oriente os estudantes a relacionarem as imagens com as informações do texto (**fonte histórica 5**).

Explore cada fonte separadamente para depois comparar as informações de cada uma delas. Peça aos estudantes que observem a vegetação, o nível de dificuldade do trajeto, a vestimenta e os animais. É possível fazer essa etapa de leitura, interpretação, análise linguística, história da arte em integração com as diferentes áreas.



O TRAJETO

E vinham por intermináveis caminhos, abriam do matas, atravessando rios, montanhas e seguindo trilhas de outros que por ali passaram, fazendo o trabalho. Eram homens, animais, eram muitos, viviam deste fadado e vestuoso trabalho.

E pelo caminho tudo podia acontecer, desgarrar-se um animal, quebrar a pata de outro, adoecer um "amarrado". Eram meses de viagem, onde esses imprudentes retardavam a marcha e careciam de solução entre os próprios tropeiros.

Em bandos, muitas vezes se dividiam em lotes de sete ou mais animais, tendo à frente a água madrinha que conduzia o cortejo, toda enfeitada, com seu peitoral cheio de sino, fitas e outros adereços.

Os homens que as conduziam estavam sujeitos a toda sorte de acontecimentos, ora um delicioso sol matinal, ora o tempo irreverente transformava-se numa chuva sem tréguas e lá estão eles, os homens, os animais...

No princípio eram mulas soltas, "mucuras" como se costumava dizer. Acompanhavam a água madrinha, vez por outra se desgarravam e era tarefa do "arrubador" procurá-las, novamente alcançar a tropa e assar uni-las às demais.

"O 'arrubador' era um ponto de honra na folia de serviço do tropeiro; se ele se ausentava, era uma glória e os fracozeiros, era subterfúgio de guerra".

Pode-se dizer que a "arribada" era uma espécie de ritual de iniciação, quando esta tarefa era solicitada a algum do grupo que desempenhava uma atividade considerada secundária, se fosse vitorioso, passaria a fazer parte de outro grupo (peão, capataz,

-03-

O pouso

Para conhecer mais sobre esse tema, leia o texto presente na **fonte histórica 6** e relacioná-lo com as fotos presentes nas **fontes históricas 5 e 6**.

O POUZO



"De quatro em quatro léguas uma clareira, pastos, uma casa onde se vende milho, o pouzo".

Ao findar-se mais uma jornada de trabalho, os tropeiros paravam, aí era hora de preparar almoço, cuidar dos animais e passar a noite.

No começo essas paradas se davam muitas vezes sob a copa de árvores ou às margens de algum rio. Aí se improvisavam barracas para ficar durante a noite. No decorrer do tempo, as tropas foram se constituindo num negócio lucrativo e duradouro. Então os proprietários de terras passaram a construir pequenas palhoças à beira do caminho para abrigar tropeiros em viagens.

Como esta atividade se desenvolveu e pouzos vão se constituir em fonte de renda para os proprietários de terras situadas nos caminhos por onde passavam as tropas, a construção de ranchos apropriados para seu a constar das preocupações dos governos.

-05-

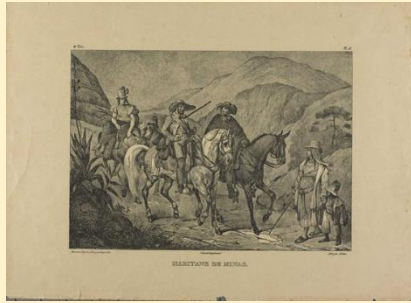


Desenvolvendo a temporalidade

O desenvolvimento da temporalidade não está relacionado à maturidade ou inteligência e sim à metodologia: estratégias de ensino, familiaridade com o material, experiência relevante e interação com outras crianças. Revisite e Apresente os materiais do quadro cronológico, do presente para o passado.

Um dos conceitos substantivos que sugerimos explorar é a locomoção.

Compare o modo de se locomover dos tropeiros (**fonte histórica 5**) com o transporte em outros tempos, observando as diferentes temporalidades: mudanças e permanências. Faça um quadro cronológico sobre o transporte na história do Brasil.



Disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/galeria-do-transporte-ferroviario/>

Acesso em: 03 jul. 2023.

Outra sugestão, é explorar o conceito de pouso (fonte 6) em diferentes tempos, organizando as imagens de forma cronológica, classificando-as como imagens de hoje e de ontem ou do presente e do passado e anotando as mudanças e as permanências.

Os mesmos encaminhamentos podem ser aplicados em relação à vestimenta, linguagem e locomoção, assim como ao patrimônio cultural e aos costumes.



Integrando os componentes curriculares

MATEMÁTICA

O quadro cronológico coincide com um trecho da reta numérica dos números naturais, conteúdo trabalhado na área da Matemática da RME já no 1.º ano e que pode ser utilizada como suporte para diferentes problematizações. Nesse contexto, proponha questionamentos relacionados à passagem do tempo entre um evento histórico e outro, e também, entre um evento histórico e a data atual.

4- Comunicação e expressão da consciência histórica de jovens e crianças por meio de narrativa



Fonte: SME (2020).

O conteúdo pode ser explorado por meio de diversas narrativas. A sugestão da equipe de História é que os estudantes se imaginem no século XIX vivendo como tropeiros e criem um diário no qual descrevam uma viagem feita por eles a partir de Curitiba, por exemplo. O diário pode ser ilustrado com desenhos, fotografias, correspondências e mapas.

Outra sugestão é a confecção de jogos de percurso com os estudantes, que também podem ser produzidos, em ferramentas online (para impressão, o Canva e para jogar na internet, o Wordwall, por exemplo).

Jogo: A trilha dos tropeiros

A professora Patrícia Giovana de Moraes criou uma trilha dos tropeiros com a sua turma do 4.º ano da Escola Municipal Moradias do Ribeirão, em 2022. Segundo ela, “as crianças confeccionaram em casa como trabalho de pesquisa”.



MORAIS, Patrícia Giovana de. A trilha dos tropeiros, 2022.
Acervo da Equipe de História.



Integrando os componentes curriculares **LÍNGUA PORTUGUESA**

Após a confecção do tabuleiro, os estudantes podem elaborar um texto instrucional, gênero que faz parte do quadro de gêneros do 4.º ano, no Campo da vida cotidiana, com as orientações e as regras necessárias para o jogo acontecer.



Integrando os componentes curriculares **MATEMÁTICA**

É possível propor algumas problematizações que articulem as informações históricas contidas no tabuleiro com sua numeração sequencial. Ideias operatórias podem ser trabalhadas a partir de comandos como “Quanto falta para chegar a um determinado ponto” ou “quais resultados poderíamos obter nos dados de modo a alcançar determinado ponto”, entre outros.

5- Metacognição/avaliação para verificar o conhecimento aprendido e seu significado para estudantes e jovens



Fonte: SME (2020).

Esta etapa oportuniza ao estudante a reflexão a respeito de sua aprendizagem por meio de uma autoavaliação, um dos diferentes momentos de avaliação proporcionados pela Aula Histórica. Aqui o estudante é avaliado por meio de uma atividade em que irá responder questões como:

O que aprendi sobre o tropeirismo?

Ontem;

Hoje;

No futuro.

As respostas indicarão o que eles aprenderam sobre o conteúdo e qual seu significado para os estudantes.



Dialogando com o DIAEE...

Os 7 elementos da adequação pedagógica

Algumas crianças/estudantes público-alvo da Educação Especial/Inclusiva com Deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) se desenvolvem e aprendem em tempos e formas diferenciadas. Muitas vezes, necessitam de um planejamento que aborde ações pedagógicas e estratégias diversas, as quais denominamos de **adequação pedagógica**. Para que ela aconteça de modo eficaz, o Departamento de Inclusão e Atendimento Educacional Especializado (DIAEE), após observações atentas, cuidadosas, minuciosas e estudos aprofundados, elencou o que chamamos de “**Os 7 elementos da Adequação Pedagógica**”, sendo eles:

1) adequação de complexidade, quando adequamos o currículo à possibilidade de entendimento da criança/estudante;

2) adequação de tempo e 3) adequação de quantidade de atividades, considera não só o tempo, mas também o limiar de concentração e, principalmente, a capacidade de execução que cada criança/estudante tem para realizar as propostas com autonomia ou com apoio;

4) adequação de material, que prevê a utilização de recursos estruturados, manipuláveis, diversificados e diferenciados;

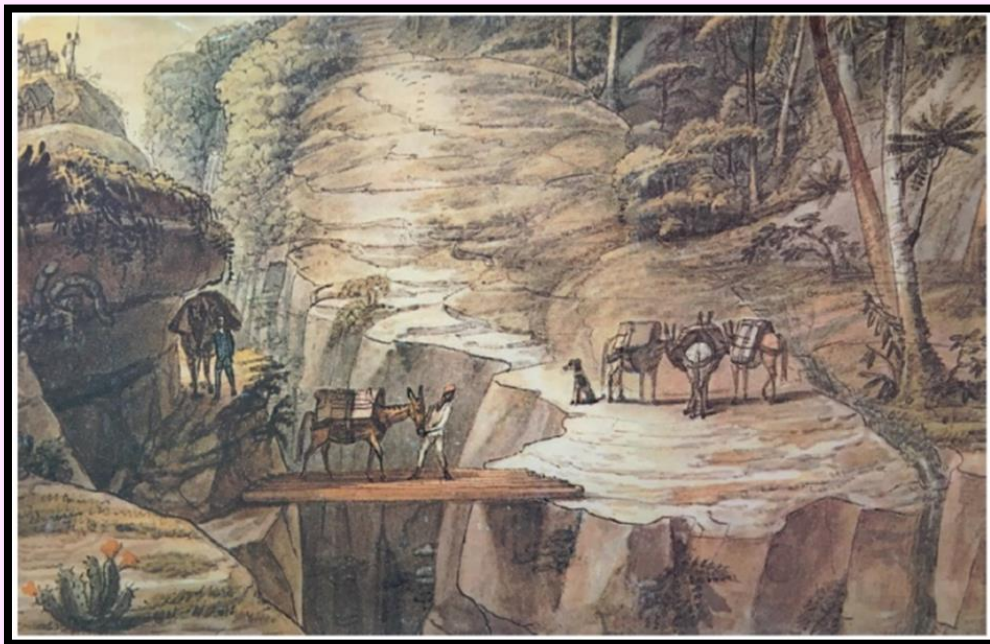
5) adequação comportamental, fundamental para prevenir que alguns comportamentos desafiadores e disruptivos possam interferir na aprendizagem;

6) adequação de espaço, que organiza a disposição do mobiliário, o arranjo da iluminação, posição da mesa/carteira, as questões arquitetônicas, para que a aprendizagem ocorra com foco nas potencialidades, protagonismo e autonomia;

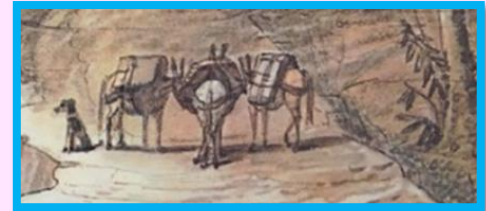
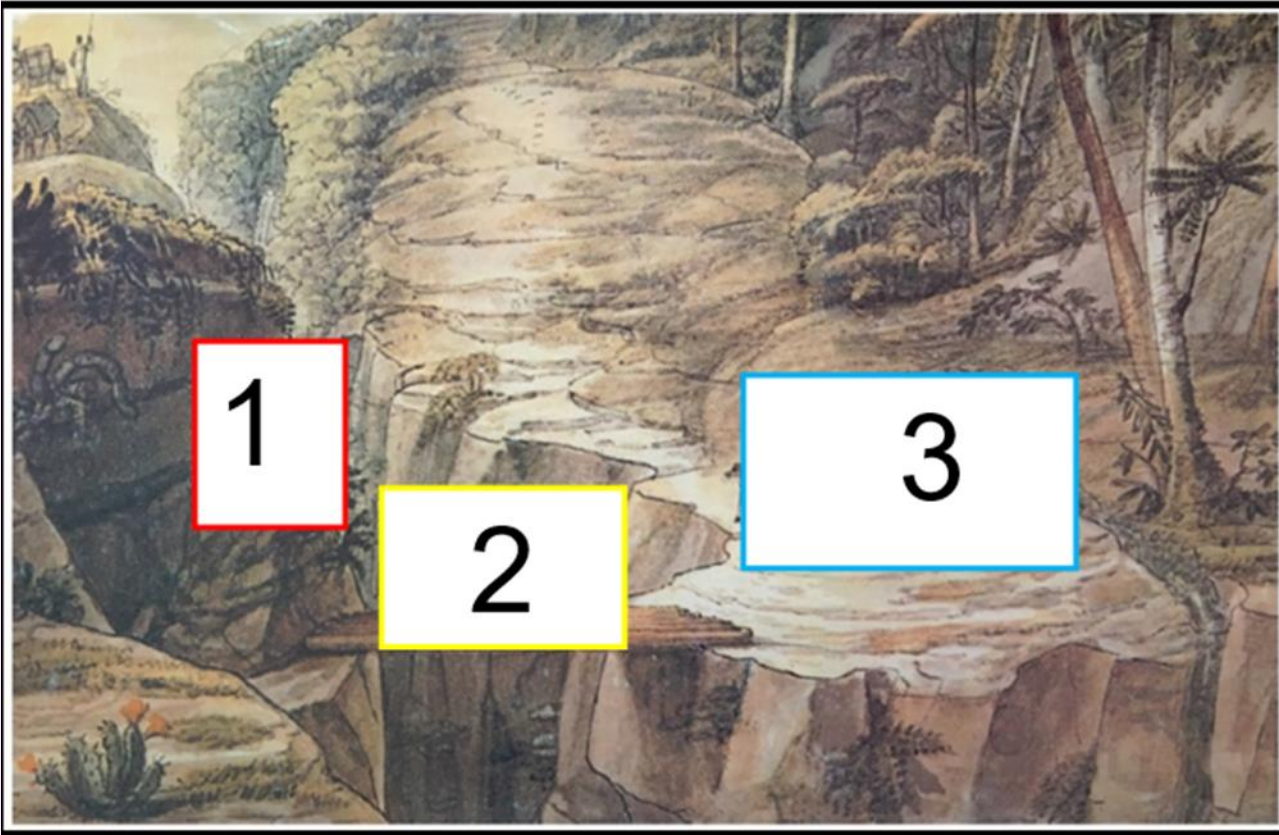
7) adequação sensorial, para os casos em que ocorre a hipo e hipersensibilidade sensorial, ambas com impactos que podem afetar o comportamento e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Quando o estudante pertence ao planejamento do professor a inclusão acontece!

Apresente ao estudante a imagem sobre o tropeirismo, peça que ele complete os espaços vazios com as imagens correspondentes.



Limite da Província de São Paulo com Curitiba.
Gravura de Jean – Baptiste Debret, século XIX. Aquarela sobre papel, 14,9×23,1 cm.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/nKFWNPFsysK8Fy5ZFCZLM9s/#>
Acesso em: 30 jun. 2023.



Apresente ao estudante outra imagem sobre o tropeirismo e peça que ele circule o meio de transporte utilizado nessa época pelos tropeiros.

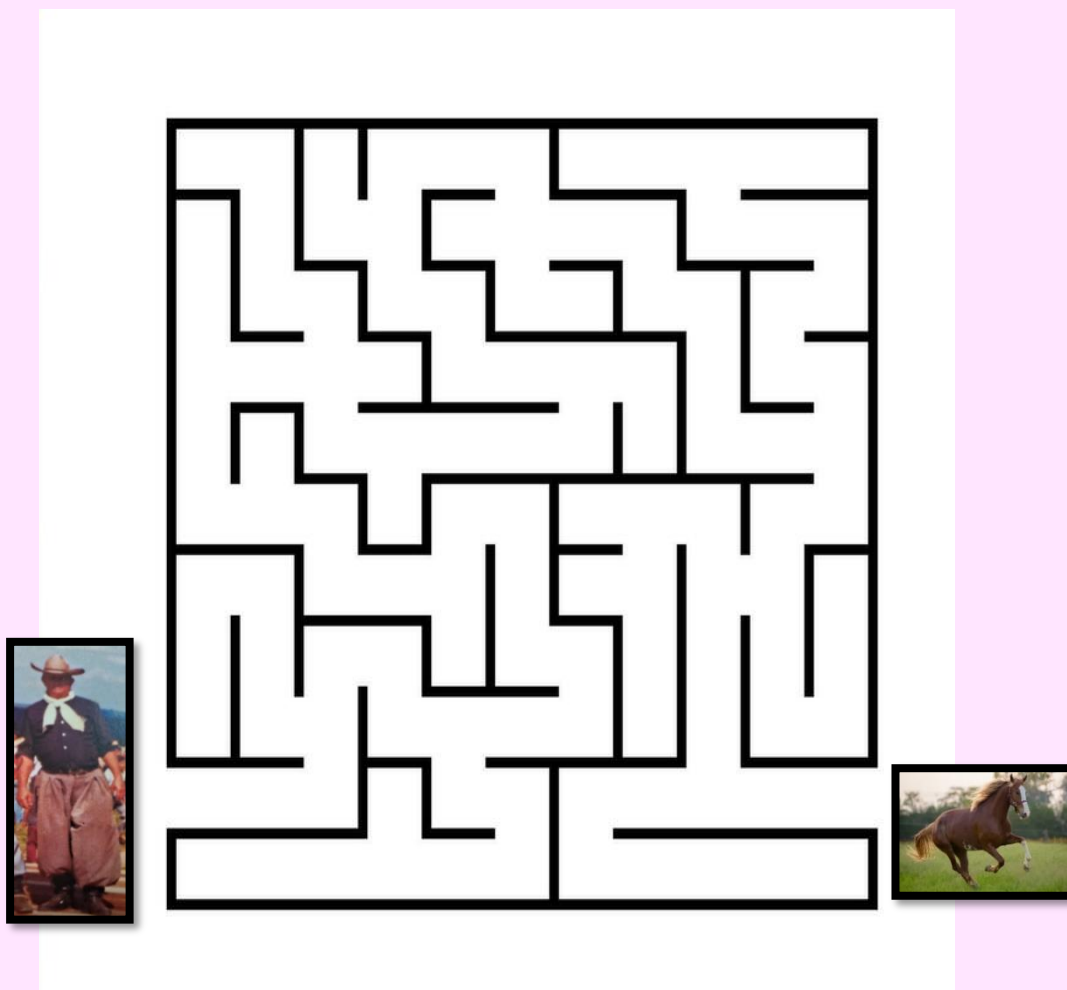


Acervo Digital da Biblioteca Nacional. Autor/Criado: Adam, Albrecht, 1786-1862
Título: Habitantes de Minas.
Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/>
Acesso em: 12 mar. 2024.



Imagens disponível em: <https://memoriadotransporte.org.br/galeria-do-transporte-ferroviario/>,
<https://onibusbrasil.com/afgbus/7500416>
Acesso em: 13 mar. 2024.

O estudante deverá levar o tropeiro até seu cavalo por meio do labirinto.



KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. A Lapa e o tropeirismo.
Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 2006, p. 74.



Dialogando com a robótica educacional

A integração da robótica educacional ao ensino de História oferece uma gama diversificada de possibilidades que enriquecem o aprendizado dos estudantes. Uma abordagem inovadora, por exemplo, é o uso do *Ludobot*, um carrinho controlado por aplicativo de celular, que pode se locomover sobre os mapas.

Proponha aos estudantes a elaboração de um mapa retratando uma das rotas históricas percorridas pelos tropeiros desde Viamão, no Rio Grande do Sul, até chegar a Sorocaba, em São Paulo. Para facilitar essa atividade, sugerimos o uso do Datashow disponível no farol móvel. Utilize-o para projetar a imagem do mapa em uma cartolina, oferecendo aos estudantes uma base visual clara para traçarem o trajeto.


Nesta abordagem, o carrinho do *LudoBot* poderá ser utilizado para simbolizar a jornada dos tropeiros, seguindo uma linha que representa o caminho percorrido por eles. Isso tornará a aprendizagem mais envolvente e visual, permitindo que os estudantes compreendam de maneira mais concreta o percurso histórico e suas diferentes etapas.



Fonte: Prof. Sandra Regina Habinoski Drusz, E.M. Umuarama

Acesse o passo a passo para montar o carrinho com o kit de robótica e baixar o aplicativo em um dispositivo eletrônico para controlar seus movimentos ou programá-lo. Clique aqui.





Professor,

Ao concluir todo o processo da Aula Histórica, pretende-se desenvolver as competências propriamente históricas que podem ser resumidas em: interpretação de fontes, compreensão contextualizada e comunicação (CURITIBA, 2020).

Esperamos que estas sugestões contribuam para o seu trabalho e estamos à disposição para eventuais dúvidas.

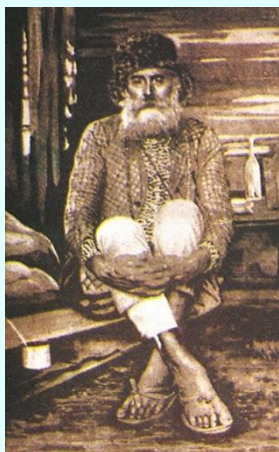
Equipe de História

REFERÊNCIAS

- COOPER, Hilary. **Ensino de História na Educação Infantil e anos iniciais: um guia para professores**. Curitiba: Base Editorial, 2012.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC**. v. 3. Ciências Humanas. Curitiba: SME, 2020.
- FILIPAK, Francisco. Tropeirismo: platino-peruano e platino-brasileiro. Curitiba: Editora Juruá, 2008.
- KERSTEN, Marcia Scholz de Andrade. **A Lapa e o tropeirismo**. Curitiba: 10.^a Superintendência Regional do IPHAN, 200.
- LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. *In*: Isabel Barca (org.) **Perspectivas em educação Histórica**. Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2001.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora dos Santos; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. Coleção Pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2009.
- ZATTI, Carlos. Tropeiros em Rio Negro. O Paraná de Bombachas. IHGPR, 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/iwN19>. Acesso em: 27 fev. 2024.



ANEXO 1



Disponível em:
<https://www.jcorreiodopovo.com.br/ultimas-noticias/documentario-mostra-a-vida-do-monge-sao-joao-maria/>

Acesso em: 14 mar. 2024.

JOÃO MARIA, O MONGE DA LAPA

Entre o final do século XIX e início do XX, muitos movimentos de cunho religioso surgiram no Brasil. De norte a sul se ouvia histórias de monges e andarilhos que traziam profecias e mensagens dos céus para os brasileiros. Na região da Lapa, foram três os monges que trilharam caminhos, deixando para trás inúmeras histórias e lendas. O primeiro, teria surgido logo após a Guerra dos Farrapos, na década de 1840. O segundo, foi avistado durante os processos de abolição da escravidão e Proclamação da República. Já o terceiro, o mais conhecido, veio durante a década de 1910, quando o governo incentivava a imigração, a ampliação das ferrovias, entre outras ações que tinham o objetivo de avançar no

desenvolvimento do país.

O que podemos observar é que, a aparição destas figuras religiosas, está sempre ligada a movimentos políticos intensos, quando a população está fragilizada e com inúmeras dúvidas. Fazendo a fama de tais personagens, ganhar o gosto popular e as histórias serem alimentadas pelo imaginário coletivo.

Diversas lendas compõem a trajetória de João Maria na região da Lapa. Em uma delas, conta-se que João Maria pediu, em uma fazenda, um pedaço de queijo. Quando o fazendeiro negou o alimento, o monge teria proclamado uma profecia, anunciando a ruína da fazenda. A prosperidade do fazendeiro foi aos poucos diminuindo, até que ele faliu e perdeu todas as terras e recursos. Em outra lenda, uma família adquiriu terras em que havia uma fonte de água que o monge teria benzido. Não acreditando no poder da fonte, a família cercou o local e proibiu a entrada dos fiéis que vinham até o local em busca de cura com a água benta. Em pouco tempo, a família perdeu todas as suas posses e enlouqueceu.

Era comum e, em alguns locais ainda é possível localizar, estacas de madeira com a medida da altura de João Maria, serem fincadas entorno ao pasto e plantação, com o intuito de proteger os animais e, também, evitar que pragas se aproximem das plantas.

Não se sabe ao certo como e onde João Maria faleceu. Há muitas lendas sobre isso também. Alguns dizem que foi visto, pela última vez, próximo aos trilhos em Ponta Grossa, agonizando de fome e velhice. Outros dizem que morreu de velhice em Araraquara (SP).

Mas, o interessante é que até hoje há lapeanos contando suas histórias e compartilhando seus feitos que passam de geração a geração, mantendo sua história viva.



SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL

Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Zampier da Silva

Gerência de Currículo

Luciana Zaidan Pereira

Equipe Pedagógica da Gerência de Currículo

Ana Michele Nogueira Maciel de Lima

Pamela Zibe Manosso Perussi

Viviane da Cruz Leal Nunes

Equipe da Gerência de Currículo

Alessandra Micoski Haloten

Ana Carolina Furis

Ana Paula Ribeiro

Andrea Borowski Gomes

Angela Cristina Cavichiolo Bussmann

Cristiane Lopuch Nogueira

Déa Maria de Oliveira Aguiar

Dircélia Maria Soares de Oliveira Cassins

Fabiola Berwanger

Fernanda Fernandes

Franciane Cristina da Silva Souza

Giselia dos Santos de Melo

Janaina Frantz Boschilia

Juliana Candido Lara Benatti

Justina Inês Carbonera Motter Maccarini

Karin Willms

Kelly Cristhine Wisniewski de Almeida Colleti

Lígia Marcelino Krelling

Lucimara Fabricio

Marcos Roberto dos Santos

Paula Francielle Domingues

Rosângela Maria Baiardi de Deus

Rosimeri de Souza Lima

Taís Grein

Taniele Loss

Thiago Luiz Ferreira

Vagner Ferreira de Oliveira


Vanessa Marfut de Assis

Equipe de História

Giselia dos Santos de Melo

Diagramação

Viviane da Cruz Leal Nunes



**Diretora do Departamento de Inclusão e Atendimento Educacional
Especializado- DIAEE**
Gislaine Coimbra Budel

Gerência de Inclusão
Ivana Pinotti

Equipe de elaboração Gerência de Inclusão
Cristiane Paula Kiyota Espirito Santo
Ivana Pinotti

Departamento de Desenvolvimento Profissional
Estela Endlich

Gerência de Inovação Pedagógica
Silmara Campese Cezario

Equipe de elaboração Gerência de Inovação Pedagógica
Hellen Cristina Joay
Hellen Morgan
Mayara Viniani O. L. Ribeiro

Gerência do Núcleo de Mídias Educacionais
Haudrey Fernanda Bronner Foltran Cordeiro

Revisão
Flavia Nolasco Witoslawski
Rita de Cassia Dias Fonseca



